



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS

SANDRA MARIA ALMEIDA DE MELO NOGUEIRA

SARUÊ DE OURO: O POPULAR E O CLÁSSICO

CAMPINA GRANDE – PB

2016

SANDRA MARIA ALMEIDA DE MELO NOGUEIRA

SARUÊ DE OURO: O POPULAR E O CLÁSSICO

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para conclusão do curso de graduação de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão

CAMPINA GRANDE – PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N778s Nogueira, Sandra Maria Almeida de Melo
Saruê de Ouro [manuscrito] : o popular e o clássico / Sandra
Maria Almeida de Melo Nogueira. - 2016.
24 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão,
Departamento de Letras e Artes".

1. Análise Literária 2. Literatura de Cordel 3. Poema Épico
4. Idade de Ouro - Mito I. Título.

21. ed. CDD 801.95

SANDRA MARIA ALMEIDA DE MELO NOGUEIRA

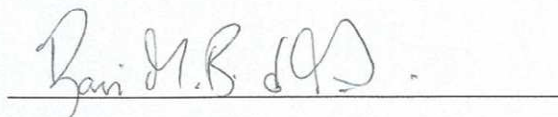
SARUÊ DE OURO: O POPULAR E O CLÁSSICO

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para conclusão do curso de graduação de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa.

Aprovada em:



Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão



Prof. Msc. Ranieri Machado Bezerra de Mello



Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva

MÉDIA: 8,7

À minha família, em especial à minha mãe e à Vó Eliza (in memoriam).

A elas, devo tudo!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades.

À Universidade, seu corpo docente, Direção e Administração, que oportunizaram a janela através da qual hoje vislumbro um horizonte mais amplo.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Rinaldo José de Andrade Brandão, pelo suporte, pelas correções e pelo incentivo.

À minha família que esteve sempre me apoiando e ajudando-me como podia. Em especial ao meu esposo, Kenny e aos meus filhos, Suiany, Sávyo e Samuel, que sempre contribuíram para minha formação acadêmica.

Agradeço à banca avaliadora, nas pessoas dos professores Ranieri Machado Bezerra de Mello e Ricardo Soares da Silva, tão importantes na minha trajetória universitária.

Às minhas colegas, obrigada pelo apoio, conselhos e incentivo.

Por fim, obrigada a todos os que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a conclusão desta etapa. A todos que acreditaram em mim, muito obrigada.

“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim”. (Chico Xavier)

SARUÊ DE OURO: O POPULAR E O CLÁSSICO

RESUMO

Este artigo estabelece uma análise comparativa entre o cordel *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos, e o poema épico *Os trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, tendo como termo de comparação o Mito da Idade de Ouro. Recorrente na literatura mundial, desde a Antiguidade até os dias atuais, o mito de uma terra de fartura e felicidade se reformula com o passar do tempo, apresentando contextos sociais e culturais distintos. No caso de *Viagem a São Saruê*, o destaque dado, pelo autor paraibano, à longa enumeração dos alimentos revela uma sociedade em que a idealização de um paraíso terrestre é construída basicamente pela fartura e facilidade de obtenção do sustento diário, refletindo, como em um espelho reverso, uma realidade exatamente oposta, onde a falta ou a privação dos bens materiais básicos de subsistência é a regra.

Palavras chaves: Literatura. Cordel. São Saruê. Mito da Idade de Ouro.

Quem já não sonhou com um mundo sem tantos problemas? Mais alegre, onde a felicidade seja um bem comum?"

Orígenes Lessa

1 INTRODUÇÃO

Para o escritor italiano Umberto Eco, a literatura não tem origem na realidade, mas na própria literatura. As relações entre obras não seriam casuais no texto literário, na verdade, elas o constituiriam. A esse processo, Júlia Kristeva denominou *intertextualidade*. Segundo ela, “todo texto se constrói como um mosaico de citações e é absorção e transformação de outro texto” (KRISTEVA, 1969, p.45).

A percepção da relação entre obras literárias, da forma como estas se interligam, é o objetivo da literatura comparada. É por meio dela que se analisam as interrelações, que se estabelecem influências, diferenças, afinidades. Um dos pontos relevantes da literatura comparada são as questões historiográficas, por meio das quais se desdobram as dimensões de tempo e espaço, tendo como referência o contextual.

Aborda-se, neste artigo, mediante uma análise comparativa, duas obras de estilos, períodos históricos, contextos sociais e culturais bastante distintos, mas com fortes traços de intertextualidade: o cordel *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos

Santos, e o poema épico *Os trabalhos e os Dias*, de Hesíodo, tendo como termo de comparação o Mito da Idade de Ouro.

Enquanto o texto de Hesíodo, ao lado dos poemas de Homero, é reconhecido como uma das primeiras obras da tradição literária ocidental, exercendo grande influência no pensamento mítico grego, *Viagem a São Saruê* é uma obra típica da poesia popular nordestina, fruto direto da tradição oral das cantorias, manifestações artísticas de autores sem acesso a uma formação erudita, mas nem por isso menos valiosas, vibrantes, verdadeiras, como bem definiu Câmara Cascudo.

(...) Ao lado daquele mundo de clássicos, românticos, naturalistas, independentes, digladiando-se, discutindo, cientes da atenção fixa do auditório, outra literatura, sem nome em sua antiguidade, viva e sonora, alimentada pelas fontes perpétuas da imaginação, colaboradora da criação primitiva, com seus gêneros, espécies, finalidades, vibração e movimento, continua, rumorosa e eterna, ignorada e teimosa, como rio na solidão e cachoeira no meio do mato. (CASCUDO, 2006, p. 23).

2 O CORDEL DE MANOEL CAMILO

A origem da Literatura de Cordel está relacionada à poesia oral do século XII, época em que os trovadores medievais narravam as peregrinações aos lugares sagrados da Antiguidade. Os poemas impressos, chamados *Literature de Colportage* na França, *Chapbook* na Inglaterra e *Pliegos sueltos* na Espanha, receberam em Portugal o nome de Folhas Volantes, ou Literatura de Cordel, por serem dispostos em fios de barbante para exposição ao público.

Normalmente impressos em 8, 16 ou 32 páginas, com o formato adequado para não ultrapassar o tamanho da palma da mão, chegou ao Brasil no período Colonial, pelas mãos dos portugueses. De fácil memorização e, também, devido ao baixo preço, os folhetos de cordel tornaram-se muito populares no interior do Nordeste, onde passaram a ser, entre as famílias semianalfabetas, uma rica fonte de informação, relatando assuntos relacionados à região, como a seca, as tradições, a religião, a política e o cangaço. Eram impressos em pequenas tipografias e comercializados, muitas vezes, pelos próprios autores, como Leandro Gomes de Barros, natural de Pombal, tido como o pioneiro do Cordel no Brasil, e o também paraibano Manoel Camilo dos Santos, nascido em 1905 no município de Guarabira.

Após passar a infância e juventude ajudando o pai na agricultura, Manoel Camilo, aos 18 anos, decidiu trabalhar no comércio ambulante, transportando mercadorias em tropas de burro. Aos 30 anos, tornou-se cantador nas feiras da capital, João Pessoa, e, aos 34, iniciou sua carreira de poeta popular. Em 1942, instalou em Guarabira a Tipografia e Folhetaria Santos, que transferiu em 1953 para Campina Grande. Com a compra de novos equipamentos, ele reinaugurou a tipografia em 1957 com um novo nome: A Estrella da Poesia.

Em sua carreira, Manoel Camilo dos Santos publicou mais de 150 folhetos, mas aquele que é considerado sua obra-prima é *Viagem a São Saruê*. Publicado em 1956, o livreto é composto por 31 estrofes em sextilhas, com versos em redondilha maior e duas estrofes em décimas com versos decassílabos.

O escritor paulista Orígenes Lessa entrevistou Manoel Camilo em Campina Grande, por duas ocasiões, numa pesquisa sobre literatura popular. Foi numa dessas entrevistas que Camilo explicou a Lessa a origem de sua obra.

A Viagem nasceu de uma frase popular, já ele me disse uma vez: “Só em São Saruê, onde o feijão brota sem chovê”. São Saruê é o improvável, o dia de São Nunca, uma besteirinha “que o povo acha graça”... (LESSA *apud* NUNES, 2011, p.126).

A pesquisa de Lessa acabou resultando num livro infantil, lançado em 1983 pela Editora Nórdica, chamado *Aventuras em São Saruê*. Nele, o autor paulista homenageia o cordelista paraibano na figura do personagem Camilo, um velho amigo do pai do protagonista, o menino Pedrinho. É Camilo quem conta a Pedrinho as estórias sobre o *Pais de São Saruê*. Maravilhado com as fantásticas descrições, Pedrinho visita, em sonho, o país imaginário, lugar onde não há bandidos nem violência, onde brinquedos e sorvetes nascem em árvores.

3 O LOCUS AMOENUS

A descrição inicial da *Viagem a São Saruê* se insere na tradição da elaboração de uma paisagem ideal na poesia, presente na literatura do fim da Antiguidade ao século XVII (CURCIUS, 1996, p. 241).

Pela aragem matutina
 eu avistei bem defronte
 a irmã da linda aurora
 que se banhava na fonte
 já o sol vinha espargindo
 no além do horizonte.
 (SANTOS, 2015, p.03)

Ao surgir da nova aurora
 senti o carro pairar
 olhei e vi uma praia
 sublime de encantar
 o mar revoltado banhando
 as dunas da beira mar.
 (Ibid, p.04)

Na Grécia Antiga, Homero, em sua *Odisséia*, descreve bosques com água corrente, campinas viçosas... no Jardim de Alcino, “as árvores dão frutos durante todo o ano, pois reina eterna primavera e sopra eterno Zéfiro” (HOMERO apud CURCIUS, 1996, p. 244).

As delícias (*deliciae*) do lugar ameno são enriquecidas com especiarias, bálsamo, vinho, cedro, abelhas. Sobrevêm os ornatos mitológicos. O bosque aprazível é a rosa do mundo; esta, porém, fenece; por isso devemos contemplar a do céu. (CURCIUS, 1996, p.257)

Nestes lugares encantados de eterna primavera vivem os pastores, que serão os protagonistas da poesia pastoral, gênero que vai exercer forte influência literária nos séculos seguintes, do Arcadismo ao Romance Medieval. “No mundo dos pastores, enlaçam-se todos os mundos” (Ibid. p. 247).

Na poesia latina, os elementos que caracterizam esse lugar idealizado (*locus amenus*) são fontes de água, riachos, relvas floridas e árvores frondosas. No final da Antiguidade e na Idade Média, esse lugar ameno é tema constante de poetas, a exemplo de Mateus de Vendôme, que descreve uma paisagem em mais de 62 versos. Pedro Riga, em *Sobre o Adorno do Mundo*, descreve o *locus amenus* numa poesia inteira (CURCIUS, 1996, p. 256).

Em *Viagem a São Saruê*, também é possível encontrar semelhanças com o mito medieval europeu do País da Cocanha, terra da fartura, do ócio e da felicidade dos menos favorecidos. Nascido da tradição oral, a Cocanha era, segundo Hilário Franco (apud NUNES, 2011), livre de miséria, de fome e de doença.

(...) capaz de dar fartura de tudo, principalmente de alimentos, que era o que mais escasseava na vida do povo, formado praticamente de pobres”. (FRANCO JR. apud LIMA, 2007, p.168).

Na visão de Peter Burke (apud NUNES, 2011) os habitantes do país da Cocanha viveriam um eterno Carnaval, num espaço de “deleite constante”, seja do ponto de vista visual, alimentar e corporal, com grande destaque para a liberalidade sexual, aspecto que o diferencia substancialmente do país de São Saruê.

O mito de uma terra de abundância e felicidade está presente em praticamente todas as civilizações da Antiguidade. O homem, vivendo num mundo povoado de perigos, males e incertezas, sujeito às catástrofes naturais, doenças, sede e fome, idealiza um lugar onde pudesse viver sem sofrimentos. Na Suméria, o País Dilmun; no Egito, o Campo de Junco de Re para os hebreus, o Jardim do Éden. Lugares onde não há doenças, guerras, medo, inimigos (MINOIS, 2011). São utopias da felicidade que sempre remetem a um paraíso inalcançável, que teria existido num tempo passado.

O Jardim do Éden, mito judaico-cristão do paraíso terrestre, segundo a Bíblia, é um paraíso somente alcançável após a morte. O pecado original, cometido por Adão e Eva, teria condenado os homens a uma existência marcada por sofrimentos e carências. Ser feliz, na vida terrena, seria, então, ter muitos filhos, um belo rebanho e viver até idade avançada; e essa felicidade, rudimentar, nas palavras de Georges Minois (2011), seria uma dádiva de Deus, reservada apenas aos fiéis.

4 A IDADE DE OURO

No Mito da Idade de Ouro, a vida numa terra de fartura e felicidade também teria sido negada aos homens. Foi, segundo Minois (2011), formulado pela primeira vez na literatura por Hesíodo, considerado um dos primeiros autores conhecidos da Grécia Antiga.

Nascido na Beócia, Hesíodo viveu entre o final do Século VIII e o começo do Século VII a.C. Seu poema mais famoso, *Os Trabalhos e os Dias*, de 828 versos, foi escrito durante litígio com o irmão, Perses, relativo à repartição da herança paterna, na qual Hesíodo se considerava injustiçado (HESÍODO, 2006).

Na obra, o autor faz referências ao calendário das plantações e colheitas, às épocas mais indicadas para navegações, além de explicar as razões pelas quais os homens têm

de trabalhar. Segundo Hesíodo, a ausência de trabalho e do esforço físico teria sido um privilégio dos homens da Era da Raça de Ouro, que teriam existido antes da humanidade se separar dos deuses. Em um trecho, ele descreve o paraíso existente nesta era.

Se quiseres, com outra estória esta encimarei;
bem e sabiamente lança-a em teu peito!
[Como da mesma origem nasceram deuses e homens.]
Primeiro de ouro a raça dos homens mortais
criaram os imortais, que mantêm olímpias moradas.
Eram do tempo de Cronos quando no céu este reinava;
como deuses viviam, tendo despreocupado coração,
apartados, longe de penas e misérias; nem temível
velhice lhes pesava, sempre iguais nos pés e nas mãos,
alegravam-se em festins, os males todos afastados,
morriam como por sono tomados; Todos os bens eram
para eles: espontânea a terra nutriz fruto
trazia abundante e generoso e eles, contentes,
tranquilos nutriam-se de seus pródigos bens.
Mas depois que a terra a esta raça cobriu
eles são, por desígnios do poderoso Zeus, gênios
corajosos, ctônicos, curadores dos homens mortais.
[Eles então vigiam decisões e obras malsãs,
vestidos de ar vagam onipresentes pela terra.]
E dão riquezas: foi este o seu privilégio real.
(HESÍODO, 2006, p. 29)

Apesar de escritos em épocas, contextos sociais e culturais totalmente distintos, o folheto *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo apresenta profundas semelhanças com o texto de Hesíodo. Ambos exaltam, por exemplo, a desnecessidade de se trabalhar: “Como deuses viviam, tendo despreocupado coração”, descreve o poeta grego. Na obra do paraibano, também não é preciso se preocupar com o sustento.

O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem, anda decente
não há contrariedade
sem precisar trabalhar
e tem dinheiro à vontade
(SANTOS, 2015, p.06)

Tudo lá e bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

(Ibid., p.07)

No país de São Saruê não se trabalha. Consequentemente, não há patrão nem empregado. É um espaço de igualdade social, onde são anuladas as fronteiras entre possuídos e despossuídos (NUNES, 2011).

Nas duas obras, as riquezas são compartilhadas. “Todos os bens eram para eles”, resume Hesíodo. O ouro, símbolo de prosperidade em praticamente todas as civilizações, é o material de que é feita, segundo Hesíodo, a primeira raça dos homens mortais. Também é encontrada em abundância em São Saruê:

Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: - São Saruê
é este lugar aqui.
(SANTOS, 2015, p.05)

A opulência descrita nos versos de Camilo resulta num povo forte, alegre, contrastando com o estereótipo do sertanejo tristonho, calado, de corpo frágil (NUNES, 2011).

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
era um povo alegre e forte
sadio e civilizado
bem tratável e benfazejo
por todos fui abraçado
(SANTOS, 2015, p.05)

Nas duas obras também é possível perceber o mito da eterna juventude. Há mais de dois mil anos, já era um sonho, citado em verso.

(...) nem temível velhice lhes pesava,
sempre iguais nos pés e nas mãos,
alegravam-se em festins,
os males todos afastados,

morriam como por sono tomados;
(HESÍODO, 2006, p. 29)

Todos morriam jovens e belos na Idade de Ouro. Já em São Saruê, a passagem do tempo é reversível. Semelhante à mitológica fonte que nascia no Monte Olimpo, a eterna juventude no país imaginário também é alcançada por meio das águas:

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade
onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.
(SANTOS, 2015, p.10)

Os jovens são, portanto, idosos remoçados pelo banho rejuvenescedor. Em São Saruê, todos podem gozar os prazeres da eternidade, mesmo aqueles que vivenciaram as agruras da vida sertaneja (FRANCO JUNIOR apud NUNES, 2011).

Segundo Neide Santos (1995), *Viagem a São Saruê* é um folheto representativo do Ciclo da Utopia, onde estão reunidos os cordéis cujos assuntos fogem à realidade. No folheto de Manoel Camilo, a viagem ao país imaginário é feita por ordem do “Doutor mestre pensamento”.

DOUTOR mestre pensamento
Me disse um dia: - você
Camilo, vá visitar
O País “SÃO SARUÊ”
Pois é o melhor lugar
Que neste mundo se vê”.
(SANTOS, 2015, p.03)

Esse voo pela imaginação em busca de uma terra de fartura revela, segundo Leda Tâmega Ribeiro, “o desejo de livrar-se das peias que o limitam e subjagam, que o mantém ancorado à terra” (RIBEIRO apud NUNES, 2011, p.125).

Interessante perceber que o paraíso descrito na obra de Orígenes Lessa, *Aventuras em São Saruê*, apesar de inspirado no folheto paraibano, reflete sonhos próprios de crianças moradoras de uma grande cidade: árvores que dão bicicletas, crianças pra brincar, roupas novas. Policiais dormem numa grande jaqueira, uma vez que não há violência. A árvore preferida é a que dá sorvete de vários sabores.

No caso do folheto de cordel, a viagem imaginária seria uma fuga de uma realidade mais cruel, da condição de desgraça e miséria, onde a ameaça da morte é representada pela seca e pela fome.

É imperativo para o sertanejo nordestino buscar transcender sua abominável condição. Se não pode livrar-se do seu cotidiano massacrante, tenta fugir dessa realidade através do voo fantástico – tão veloz quanto o pensamento – é uma opção que ninguém lhe pode frustrar (RIBEIRO apud NUNES, 2011, p.125).

Na análise realizada, é possível perceber claramente as semelhanças entre as obras de Manoel Camilo e Hesíodo, com a recorrência de temas como o ócio, a saúde, a juventude e a fartura como requisitos essenciais para uma vida plena de felicidade.

A excessiva importância dada pelo autor paraibano à descrição dos alimentos, entretanto, expõe a carência daqueles que vivem na privação diária. Apesar da fartura ser um ponto em comum nas duas obras, as abordagens apresentam diferenças bastante significativas. O poeta grego é genérico e bastante sucinto em sua descrição:

(...) todos os bens eram para eles:
espontânea a terra nutriz fruto trazia
abundante e generoso
e eles, contentes, tranquilos
nutriam-se de seus pródigos bens.
(HESÍODO, 2006, p.29)

Manoel Camilo, por sua vez, é bastante detalhista, enumerando diversos tipos de alimentos da culinária nordestina, um verdadeiro desfile de guloseimas a deleitar os leitores ou ouvintes do folheto:

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada

As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
 maduro e já cozinhado
 o arroz nasce nas várzeas
 já prontinho e despoldado
 Perú nasce de escôva
 sem comer vive cevado.

Galinha põe todo o dia
 invés de ovos é capão
 o trigo invés de sementes
 bota cachadas de pão
 manteiga lá cai das nuvens
 fazendo ruma no chão.

Os peixes lá são tão mansos
 com o povo acostumados
 saem do mar vem pras casas
 são grandes, gordos e cevados
 é só pegar e comer
 pois todos vivem guisados.

Maniva lá não se planta
 nasce e invés de mandioca
 bota cachos de beijú
 e palmas de tapioca
 milho a espiga é pamonha
 e o pendão é pipoca.

As canas em São Saruê
 não tem bagaço (é gozado)
 umas são canos de mel
 outras açúcar refinado
 as folhas são cinturão
 de pelica e bem cromado.
 (SANTOS, 2015, p.06-08)

São sete estrofes dedicadas unicamente a enumerar a abundância de alimentos em São Saruê. Segundo Minois (2011), a felicidade, nos paraísos utópicos da Antiguidade, é fruto de uma frustração, de uma falta. Seria a ausência dos sofrimentos presentes.

De modo geral, representamos esses tempos felizes, idos para sempre, como a antítese do mundo presente, que é a expressão de uma insatisfação gerada pela vida real (MINOIS, 2011, p.6)

A importância que Camilo dá a esse tema seria, portanto, um reflexo da fome presente no dia-a-dia dos nordestinos. Nas palavras de Geice Nunes (2011), São Saruê

“expressa a ilusão de reverso da realidade de penúria, doença, abandono e morte que fere o homem do Nordeste” (Ibid, p.122).

Neste sentido, o contraste entre a realidade de privação e a abundância generosa da descrição sustenta o lirismo da crítica social presente no poema. O paraíso descrito no folheto paraibano consistiria numa “inversão da realidade vivida, um sonho que projeta no futuro as expectativas do presente” (FRANCO JUNIOR apud NUNES, 2011, p.119).

Leda Ribeiro (apud NUNES, 2011) vê na expressividade poética da obra de Manoel Camilo um reflexo das injustiças sociais presentes na região nordestina desde o período Colonial.

Cultivar a ilusão da idade de ouro reveste na literatura popular do Nordeste um sentido muito mais profundo do que poderia alcançar em qualquer outro tipo de literatura. O povo miserável e esquecido da região tem sido castigado, em suas sucessivas gerações, por toda a sorte de calamidades e provações impostas tanto pelos caprichos de um clima impiedoso, quanto pelo desleixo e insensibilidade dos poderes públicos. (RIBEIRO apud NUNES, 2011, p.125).

Desta forma, as similaridades entre o mito da Idade de Ouro, formulado por Hesíodo em *Os Trabalhos e os Dias*, e *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo, retratam “uma espécie de mediação entre a realidade rasa e a transcendência confortante” (ibid. p.125). Como define Leda Ribeiro:

(...) é pela magia da palavra, pela faculdade criadora da linguagem poética que a nossa gente do povo consegue superar sua “aterrorizante” situação, romper as correntes que a prendem a essa realidade adversa, atingindo, assim, um outro plano ontológico. É aqui que a figura do poeta popular ganha toda a sua dimensão (RIBEIRO apud NUNES, 2011, p. 127).

Ao permitir aos leitores de seu folheto, privados de quase tudo, um lampejo de felicidade, por meio de uma fantasia paradisíaca marcada pela fartura e abundância, Manoel Camilo denuncia, de forma velada e, talvez, até não-intencional, a realidade cruel de seus conterrâneos, permitindo-lhes viver, pelo menos na imaginação, uma experiência prazerosa, inversa ao que vivencia. Uma triste realidade que, mais de meio século após sua publicação, ainda perdura em alguns recantos do Nordeste.

ABSTRACT

This article makes a comparative analysis between the “cordel” *Viagem a São Saruê*, by Manoel Camilo dos Santos, and the epic poem *Os Trabalhos e os Dias*, by Hesiodo, using as comparison term the Myth of the Golden Age. Recurrent in the literature, from Antiquity to the present day, the myth of a land of plenty and happiness is reformulated over time, with different social and cultural contexts. In the case of *Viagem a São Saruê*, the emphasis given by the author to the long list of food reveals a society in which the idealization of an earthly paradise is built primarily by the abundance and ease of obtaining the daily sustenance, reflecting, as in a mirror reverse, an exactly opposite reality where the lack or deprivation of basic subsistence material goods is the rule.

Key words: Literature. Cordel. São Saruê. Myth of the Golden Age.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Sofia de Melo. **Nota Explicativa a Viagem a São Saruê, de Manoel Camilo dos Santos**, In: E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia, n.º 4 (2005). Disponível em <<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuguesas/revista/index.htm>>
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2006.
- CURTIUS, Ernst Roberto. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **Cocanha: a história de um país imaginário**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- HESÍODO. **Os Trabalhos e os Dias**. Tradução, introdução e comentários: Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras, 2006.
- KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Seminálise**. São Paulo: Debates, 1969.
- LESSA, Orígenes. **A voz dos poetas**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1984.
- LIMA, Paula Andrea Vera Bustamante - **A cidade fictiva: visões e mundos da cidade em contos contemporâneos brasileiros, chilenos e portugueses**. Tese (Doutorado em Letras). USP. Orientadora: Profa. Dra. Nádia Battella Gotlib, São Paulo, 2007.
- MINOIS, Georges. **A Idade de Ouro: História da busca da felicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

NUNES, Geice Peres. **Viagem ao São Saruê: O encontro entre o mito medieval e a poesia popular do Nordeste**, Revista Travessias – Unioeste, Cascavel - Programa de Pós-Graduação em Letras. Disponível em: <www.e-revista.unioeste.br>. Acesso em 04.04.2016.

SANTOS, Manoel Camilo dos. **Viagem a São Saruê**. Folheto de cordel (impresso popular). Campina Grande, [sd].

SANTOS, Neide. **Viagem a São Saruê: uma viagem utópica**. In: Itinerários - Revista de Literatura, Araraquara, Nº 8: Universidade Estadual Paulista, 1995. Disponível em <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2508>>. Acesso em 22.02.2016.

ANEXO A – Texto do cordel *Viagem a São Saruê*

Doutor mestre pensamento
me disse um dia: -Você
Camilo vá visitar
o país São Saruê
pois é o lugar melhor
que neste mundo se vê.

Eu que desde pequenino
sempre ouvia falar
nesse tal São Saruê
destinei-me a viajar
com ordem do pensamento
fui conhecer o lugar.

Iniciei a viagem
as quatro da madrugada
tomei o carro da brisa
passei pela alvorada
junto do quebrar da barra
eu vi a aurora abismada.

Pela aragem matutina
eu avistei bem defronte
a irmã da linda aurora
que se banhava na fonte
já o sol vinha espargindo
no além do horizonte.

Surgiu o dia risonho
na primavera imponente
as horas passavam lentas
o espaço incandescente
transformava a brisa mansa
em um mormaço dolente.

Passei do carro da brisa

para o carro do mormaço
o qual veloz penetrou
no além do grande espaço
nos confins do horizonte
senti do dia o cansaço.

Enquanto a tarde caía
entre mistério e segredos
a viração docilmente
afagava os arvoredos
os últimos raios de sol
bordavam os altos penedos.

Morreu a tarde e a noite
assumiu sua chefia
deixei o mormaço e passei
pro carro da neve fria
vi os mistérios da noite
esperando pelo dia.

Ao surgir da nova aurora
senti o carro pairar
olhei e vi uma praia
sublime de encantar
o mar revoltado banhando
as dunas da beira mar.

Avistei uma cidade
como nunca vi igual
toda coberta de ouro
e forrada de cristal
ali não existe pobre
é tudo rico em geral.

Uma barra de ouro puro
servindo de placa eu vi
com as letras de brilhante
chegando mais perto eu li
dizia: - São Saruê
é este lugar aqui.

Quando avistei o povo
fiquei de tudo abismado
uma gente alegre e forte
um povo civilizado
bom, tratável e benfazejo
por todos fui abraçado.

O povo em São Saruê
tudo tem felicidade
passa bem anda decente
não há contrariedade
não precisa trabalhar
e tem dinheiro à vontade.

Lá os tijolos das casas
são de cristal e marfim
as portas barras de prata
fechaduras de “rubim”
as telhas folhas de ouro
e o piso de cetim

Lá eu vi rios de leite
barreiras de carne assada
lagoas de mel de abelha
atoleiros de coalhada
açudes de vinho do porto
montes de carne guisada.

As pedras em São Saruê
são de queijo e rapadura
as cacimbas são café
já coado e com quentura
de tudo assim por diante
existe grande fartura.

Feijão lá nasce no mato
maduro e já cozinhado
o arroz nasce nas várzeas
já prontinho e despoldado
perú nasce de escôva
sem comer vive cevado.

Galinha põe todo o dia
invés de ovos é capão
o trigo invés de sementes
bota cachadas de pão
manteiga lá cai das nuvens
fazendo ruma no chão.

Os peixes lá são tão mansos
com o povo acostumados
saem do mar vem pras casas
são grandes, gordos e cevados
é só pegar e comer
pois todos vivem guisados.

Tudo lá e bom e fácil
não precisa se comprar
não há fome nem doença
o povo vive a gozar
tem tudo e não falta nada
sem precisar trabalhar.

Maniva lá não se planta
nasce e invés de mandioca
bota cachos de beijú
e palmas de tapioca

milho a espiga é pamonha
e o pendão é pipoca.

As canas em São Saruê
não tem bagaço (é gozado)
umas são canos de mel
outras açúcar refinado
as folhas são cinturão
de pelica e bem cromado.

Lá os pés de casimira
brim, borracha e tropical
de naycron, belga e linho
e o famoso diagonal
já bota as roupas prontas
próprias para o pessoal.

Os pés de chapéus de massa
são tão grandes e carregados
os de sapatos da moda
têm cada cachos “aloprados”
os pés de meias de sêda
chega vive “escangalhados”.

Sítios de pés de dinheiro
que faz chamar atenção
os cachos de notas grandes
chega arrastam pelo chão
as moitas de prata e ouro
são mesmo que algodão.

Os pés de notas de mil
carregam chega encapota
pode tirar-se a vontade
quanto mais tira mais bota
além dos cachos que tem
casca e folha tudo é nota.

Lá quando nasce menino
não dar trabalho a criar
já é falando e já sabe
ler, escrever e contar
salta, corre, canta e faz
tudo quanto se mandar.

Lá não se ver mulher feia
e toda moça é formosa
bem educada e decente
bem trajada e amistosa
é qual um jardim de fadas
repleto de cravo e rosa.

Lá tem um rio chamado
o banho da mocidade

onde um velho de cem anos
tomando banho a vontade
quando sai fora parece
ter vinte anos de idade.

É um lugar magnífico
onde eu passei muitos dias
bem satisfeito e gozando
prazer, saúde, alegrias
todo esse tempo ocupei-me
em recitar poesias.

Lá existe tudo quanto é beleza
tudo quanto é bom, belo bonito
parece um lugar santo e bendito
ou um jardim da divina Natureza:
imita muito bem pela grandeza
a terra da antiga promessa
para onde Moisés e Aarão
conduziam o povo de Israel,
onde dizem que corriam leite e mel
e caía manjar do céu no chão.

Tudo lá é festa e harmonia
amor, paz, benquerer, felicidade
descanso, sossego e amizade
prazer, tranquilidade e alegria;
na véspera de eu sair naquele dia
um discurso poético, lá eu fiz,
me deram a mandado de um juiz
um anel de brilhante e de “rubim”
no qual um leteiro diz assim:
- é feliz quem visita este país.

Vou terminar avisando
a qualquer um amiguinho
que quizer ir para lá
posso ensinar o caminho,
porém só ensino a quem
me comprar um folhetinho.